

Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti
(Organizadora)



CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS:

Estado, organizações e desenvolvimento regional 4


Ano 2023

Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti
(Organizadora)



CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS:

Estado, organizações e desenvolvimento regional 4

**Atena**
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências sociais aplicadas: Estado, organizações e desenvolvimento regional 4

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
C569	<p>Ciências sociais aplicadas: Estado, organizações e desenvolvimento regional 4 / Organizadora Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0990-8 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.908232402</p> <p>1. Ciências sociais. I. Cavalcanti, Soraya Araujo Uchoa (Organizadora). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 301</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

A coletânea Ciências sociais aplicadas: *Estado, organizações e desenvolvimento regional 4* é composta por 12 (doze) capítulos produtos de pesquisa, ensaio teórico, revisão integrativa e de literatura, relato de experiências, estudo de caso, dentre outros.

O primeiro capítulo analisa as mudanças da reforma *previdenciária, realizadas com a Emenda Constitucional nº 103/2019*. O segundo capítulo, por sua vez discute *os determinantes do controle social nos municípios brasileiros do ponto de vista da responsabilidade social das prefeituras e instituições envolvidas*.

O terceiro capítulo apresenta os resultados da análise dos *impactos dos processos de execução fiscal no andamento dos processos, no âmbito do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais*. Já o quarto capítulo, apresenta os resultados da pesquisa acerca da influência da pandemia de Covid-19 *nas decisões sobre prisões preventivas tomadas entre os anos de 2020 e 2021*.

O quinto capítulo, discute os impactos da pandemia de Covid-19 no cotidiano dos alunos da educação básica em decorrência do ensino remoto. Já o sexto capítulo, apresenta a experiência *da certificação para a incubadora IF For Business*, discutindo seu nível de maturidade e apresentando *o método de certificação do CERNE1 a partir da ferramenta de gestão PDCA*.

O sétimo capítulo, *apresenta os resultados de um estudo sobre as inovações tecnológicas implementadas por MPEs da indústria têxtil do vestuário aglomeradas territorialmente*. Já o oitavo capítulo, analisa o processo *de venda direta de produtos artesanais da Rede Asta, desenvolvida pelo Instituto Realice, a partir do posicionamento de negócios no conceito de Effectuation de Saras Sarasvathy*.

O oitavo capítulo discute os resultados da pesquisa acerca do compartilhamento do conhecimento, pela rede de organizações do terceiro setor e como este processo pode fortalecer esse grupo de entidades. O nono capítulo, por sua vez, discute *a interface entre a prática reflexiva e a dimensão política do Serviço Social* discutindo a necessidade de seu fortalecimento.

O décimo capítulo, discute *a importância da conservação e valorização do(s) patrimônio(s) destes territórios de baixa densidade populacional enquanto recursos endógenos para o desenvolvimento local sustentável*. E finalmente, o décimo segundo capítulo, discute *o panorama político espírito-santense (1945-1961): governos Carlos lindenber e francisco lacerda de aguiar*.

CAPÍTULO 1	1
MUDANÇAS OCASIONADAS PELAS ALTERAÇÕES DA REFORMA PREVIDENCIÁRIA NO BRASIL	
Carlos Alexandre Cirne Lopes	
Cássio dos Santos Borba	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9082324021	
CAPÍTULO 2	23
UM ESTUDO DOS DETERMINANTES DO CONTROLE E DA GESTÃO MUNICIPAL SOBRE OS FUNDOS DE DIREITOS CAPTADOS POR DESTINAÇÕES DE IMPOSTOS	
Artur Angelo Ramos Lamenha	
Karoline do Carmo Ramos Lamenha	
Cleydner Marques de Magalhães Maurício	
Silvia Marisa Rampello	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9082324022	
CAPÍTULO 3	40
EXECUÇÃO FISCAL E MOROSIDADE JUDICIAL: IMPACTOS SOBRE O ANDAMENTO DOS PROCESSOS NO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MINAS GERAIS	
Walquírya Vieira da Cruz Soares	
Laína Souza Ventura dos Reis	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9082324023	
CAPÍTULO 4	53
UMA ANÁLISE DA PRISÃO PREVENTIVA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 SOB O OLHAR DA MAGISTRATURA E DA DEFENSORIA PÚBLICA DE SÃO PAULO	
Natália Ximenez Campanile	
Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9082324024	
CAPÍTULO 5	76
O IMPACTO DA PANDEMIA NAS AÇÕES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FORMAÇÃO DISCENTE	
Patrick Cezar da Silva e Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9082324025	
CAPÍTULO 6	80
INCUBADORA DE EMPRESAS NO IF GOIANO CAMPUS RIO VERDE: EM BUSCA DA CERTIFICAÇÃO	
Silvia Ferreira Marques Salustiano	
Lavínnia Barros Ribeiro	
Frankcione Borges de Almeida	
Evaristo Fernandes Lima	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9082324026>

CAPÍTULO 785

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA: ESTUDO EM UM DOS MAIORES POLOS
TÊXTEIS DO PAÍS

Bárbara Silvana Sabino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9082324027>

CAPÍTULO 8 106

CAUSATION E EFFECTUATION E A CRIAÇÃO DA REDE ASTA: INOVAÇÃO
NA VENDA DIRETA DE ARTESANATO

Maristela Pessoa

Andre Ribeiro de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9082324028>

CAPÍTULO 9 120

CONHECIMENTO COMPARTILHADO EM REDE: UMA BOA ESTRATÉGIA DE
FORTALECIMENTO?

Andreia Duarte Oliveira Costa

Maria Celeste Reis Lobo de Vasconcelos

Frederico Cesar Mafra Pereira

Oswaldo Ferreira Barbosa Junior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9082324029>

CAPÍTULO 10..... 137

A INTERFACE ENTRE A PRÁTICA REFLEXIVA DO SERVIÇO SOCIAL E A
DIMENSÃO POLÍTICA DA PROFISSÃO

Nívia Barreto dos Anjos

Maria Inês Amaro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90823240210>

CAPÍTULO 11 149

TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL NOS TERRITÓRIOS
DE BAIXA DENSIDADE

Nuno Manuel dos Santos Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90823240211>

CAPÍTULO 12..... 155

O PANORAMA POLÍTICO ESPÍRITOSSANTENSE (1945-1961): GOVERNOS
CARLOS LINDENBERG E FRANCISCO LACERDA DE AGUIAR

Francisco José dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90823240212>

SOBRE A ORGANIZADORA 168

ÍNDICE REMISSIVO 169

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA: ESTUDO EM UM DOS MAIORES POLOS TÊXTEIS DO PAÍS

Data de submissão: 08/12/2022

Data de aceite: 01/02/2023

Bárbara Silvana Sabino

Professora Mestra em Administração no
Câmpus Gaspar do IFSC
<http://lattes.cnpq.br/5435736758557028>

associadas a mais um tipo, não se associam à inovação de processo produtivo.

PALAVRAS-CHAVE: Micro e Pequenas Empresas. Aglomerados. Vestuário. Inovação. Inovação tecnológica.

RESUMO: Esse artigo apresenta os resultados de um estudo sobre as inovações tecnológicas implementadas por MPEs da indústria têxtil do vestuário aglomeradas territorialmente. Além de identificar as inovações, ele tem como objetivo analisar os níveis de profundidade, bem como seus impactos. Assim, fundamentou-se com redes, inovações e informações do setor. A pesquisa foi aplicada em Brusque/SC, um dos maiores polos têxteis do país. O método foi quantitativo com cunho descritivo, contou com uma base de dados existente. A amostra foi composta por oitenta e cinco MPEs afiliadas à uma associação local e formada por conveniência. A análise dos dados apontou que as inovações tecnológicas dizem respeito às máquinas e equipamentos e as áreas técnicas são as que apresentaram números superiores de inovações. Chama a atenção o fato de que somente 11% das empresas implementaram apenas inovações tecnológicas; quando

TECNOLOGIC INNOVATION: STUDY IN ONE OF THE LARGEST TEXTILE CENTERS IN THE COUNTRY

ABSTRACT: This article presents the results of a study on technological innovations integrated by territorially clustered MSEs in the textile and clothing industry. In addition to identifying innovations, it aims to analyze the levels of depth, as well as their influences. Thus, it was grounded with networks, innovations and industry information. The research was applied in Brusque/SC, one of the largest textile centers in the country. The method was quantitative with a descriptive nature, relying on an existing database. The sample consisted of eighty-five MSEs affiliated with a local association and formed by visitors. Data analysis showed that technological innovations concern machines and equipment and technical areas are those that presented higher numbers of innovations. It is noteworthy the fact that only 11% of companies implemented only

technological innovations; when associated with one more type, it is not associated with innovation in the production process.

KEYWORDS: Micro and Small Companies. Agglomerates. Clothing. Innovation. Tecnologic innovation.

1 | INTRODUÇÃO

Coutinho; Ferraz(1994) acreditam que o sucesso competitivo passa a depender da criação e da renovação das vantagens competitivas por parte das firmas, em um processo contínuo de inovação, no qual cada organização se esforça por obter peculiaridades que a distingam favoravelmente das demais. Corroborando Romano et al. (2000) afirmam que as empresas que desejam obter vantagens competitivas devem estar preparadas para agir a todo o momento, de forma permanente, antecipando e formulando os problemas e riscos futuros. Para os autores, a inovação só ocorre com o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos tecnológicos que viabilizam a criação de novos produtos, processos ou serviços. Sherwood; Covin (2008) discorrem deles, pois, para estes, o conhecimento tecnológico de uma organização surge a partir das inovações em processos e em produtos.

Isso parece indicar que um dos desafios das empresas está relacionado à busca de inovação. A limitação dos recursos de que as empresas dispõem, especialmente no Brasil, faz com que esse desafio se torne difícil de ser vencido pelas MPEs. Mañas (2001) destaca que o acesso às novas tecnologias representam custo elevado para estas empresas.

Apesar desse quadro, a inovação vem sendo relacionada à existência de aglomerados há algum tempo. Isso por que as aglomerações facilitam a aprendizagem e disseminação de informação, permitindo que ideias se transformem em ações rapidamente. Ainda segundo Powell (1990), oferecem como características a utilização de ativos como conhecimento tácito e inovação tecnológica. Já para Bernardo; Silva; Sato (1999), as aglomerações melhoram a capacidade de inovação, além da produtividade. As relações de uma empresa com outras entidades dentro das aglomerações ajudam-na a acessar mais cedo as novas tecnologias desenvolvidas, maquinários e componentes, conceitos de mercado e assim por diante. Para eles, a inovação é o resultado do processo de interação entre clientes, fornecedores e centros de conhecimento, como as universidades apontadas por Sherwood; Covin (2008).

Para estes dois últimos autores, as firmas que procuram adquirir conhecimento tecnológico por meio de alianças com universidades conseguem alcançá-las com sucesso. Entretanto, eles advertem que estas devem fazer investimentos significativos de tempo e de energia projetados para assegurar-lhes o conhecimento desejado.

Neste contexto, os resultados parciais de uma pesquisa realizada a partir de uma base de dados existente relacionada à indústria do vestuário de Santa Catarina são apresentados nesse artigo. Além de identificar as inovações tecnológicas implementadas

pelas empresas em estudo, ele tem como objetivo analisar os níveis de profundidade das mesmas, bem como seus impactos nas organizações. Para tal, este artigo subdividiu-se em seis capítulos que são: (1) introdução; (2) as micro e pequenas empresas brasileiras do setor têxtil e o panorama mundial dessa indústria por meio de o estudo da indústria têxtil do vestuário, redes de empresas e inovações; (3) metodologia da pesquisa; (4) análise dos resultados; (5) considerações finais e (6) as referências.

2 | AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS BRASILEIRAS DO SETOR TÊXTEL E O PANORAMA MUNDIAL DESSA INDÚSTRIA

No Brasil, quanto ao porte, as empresas podem ser classificadas como Micro Empresa (ME), Pequena (EPP), Média (MDE) ou Grande (GE). O enquadramento é feito, seguindo orientação do Governo Federal (Lei n. 9.317), por intermédio da análise do faturamento anual. Já, as entidades de classe costumam se basear no número de postos de trabalho, como pode ser mais bem visualizado no Quadro 1.

Porte	Comércio e Serviços	Indústria
ME	até 9 empregados	até 19 empregados
EPP	de 10 a 49 empregados	de 20 a 99 empregados
MDE	de 50 a 99 empregados	de 100 a 499 empregados
GE	com 100 ou mais empregados	com 500 ou mais empregados

Quadro 1 – Porte das empresas no Brasil - segundo o Sebrae

Fonte: elaboração própria.

As micro e pequenas empresas passaram a ser estudadas e analisadas com significativo interesse já a partir da década de 70 do século passado. As micro empresas são o resultado de uma política de desburocratização, iniciada em 1979 pelo governo brasileiro, para que esses empreendimentos pudessem sair da informalidade e se fortalecer com maior rapidez.

Novas oportunidades surgiram com a abertura do mercado, a partir da década de 90 quando grandes empresas estrangeiras se instalaram no Brasil e passaram a terceirizar parte da sua produção com outros pequenos empreendimentos especializados. Essas alianças impulsionaram expressivamente a explosão desses organismos menores pelo país.

Estudos realizados pelo Sebrae(2010a), entre os anos de 2000 e 2002, demonstram que a vida das micro e pequenas empresas brasileiras era curta. A metade delas deixava de existir antes de completar dois anos de existência. E foram apontadas por seus empreendedores como as principais razões desses resultados desastrosos: (1) a FALTA DE CAPITAL DE GIRO foi descrita por 24,1% deles como sendo o principal problema;

(2) 16% creditaram aos IMPOSTOS ELEVADOS; (3) outros 8% indicaram a FALTA DE CLIENTES; (4) e por fim, os últimos 7% dos entrevistados justificaram o seu insucesso devido a expressiva CONCORRÊNCIA.

Já outro quadro mais favorável, se configurou nas pesquisas realizadas com base em dados a partir de 2003. O órgão divulgou, em agosto 2008, resultados mais positivos. Estes apontam que 78% dos pequenos empreendimentos que surgiram de 2003 a 2005 continuam no mercado. E que em 2005, o país contava com 5 milhões de micro e pequenas empresas, que corresponderam a 99,2% de todas as empresas brasileiras. Estas empregaram 60% das pessoas economicamente ativas do país. Apesar disso, responderam por apenas 20% do Produto Interno Bruto - PIB.

Neste panorama, o Brasil apresentou-se de 2002 a 2004 como um dos cinco maiores produtores têxteis no *ranking* mundial e, em média, o 40º exportador (ABRAVEST, 2012). Neste período, as empresas têxteis eram em número de 17.766 (Norte – 421; Nordeste – 2.607; Sul - 4.208; Sudeste - 9.667; Centro Oeste – 863) que empregaram 1.134.814 pessoas (93% mulheres e 7% homens) e produziram em média 9.459.368 mil peças/ano (Norte – 426.772; Nordeste – 1.131.677; Sul - 2.523.589; Sudeste - 4.975.829; Centro Oeste - 401.501). As micro e pequenas empresas corresponderam segundo a Abravest (2012), a 70% dessas e foram responsáveis por 11,1% das peças produzidas. Já as médias a 27% do setor (47,8% das peças). Enquanto as grandes empresas apenas a 3% dele, mas produziram 41% do total das peças. Cabe registrar que hoje, o país ocupa a sexta posição no *ranking* de produtores. E no primeiro semestre de 2010, em termos de exportações, Santa Catarina (US\$ 90,024 milhões) ocupou o quarto lugar, perdeu apenas para São Paulo (US\$ 240,6 milhões), Bahia (US\$ 102,8 milhões) e Mato Grosso (US\$ 92,8 milhões). (ABIT, 2012).

Um estudo do Sebrae (2010b) levantou que o Estado catarinense em 2008 possuía 14.016 empresas do setor, sendo 18,9% têxteis que absorveram 37,7% toda a força de trabalho empregada e outras 81,1% eram ligadas ao ramo de confecção, gerando 62,3% dos empregos oferecidos. Quanto ao porte, 90,63% delas são micro empresas e outros 7,76% de pequeno porte. Com isso, percebe-se que a exemplo de outros, o setor têxtil é um expressivo alavancador das micro e pequenas empresas no país e em Santa Catarina. Neste Estado, a região do Vale do Itajaí constitui o segundo maior polo têxtil do país. Só em Brusque, a Associação das Micro e Pequenas Empresas - Ampebr conta com, aproximadamente, 200 afiliadas e pesquisas apontam mais de 300 outros pequenos empreendimentos informais. Neste segmento, segundo o Guia da Indústria SC (2009), Brusque e Blumenau formam um dos maiores polos têxteis do país e contribuem significativamente para que Santa Catarina seja considerado: o maior exportador de camisetas de malha e de tecidos atoalhados do mundo; o maior produtor mundial de artigos de cama, mesa e banho; o segundo maior polo têxtil de confecções de malha mundial. Competido assim, diretamente com os Tigres Asiáticos, em vários casos, atrás apenas da China. Além disso, possui a segunda maior

fábrica de camisetas do mundo e também é o maior produtor de linhas de crochê e fitas elásticas da América Latina. Em termos numéricos, o setor têxtil catarinense abarca 7.266 indústrias que empregam 139,7 mil trabalhadores que representam 15,2% da produção industrial do Estado, concentrando-se 71,08% das indústrias têxteis e 52,52% das de confecções no Vale do Itajaí. Pesquisa recente apresentada pela Abit (2012) apresenta a cidade de Brusque como o principal polo têxtil catarinense. Já em termos da produção têxtil nacional, Ogeda (2012) traz os resultados percentuais comparados ao ano anterior dos últimos quatro anos em que se tem: (1) -1,9% em 2008; (2) -6,4% em 2009; (3) 4,10% em 2010; (4) -14,9% em 2011.

Em termos mundiais, Fachini (et al, 2007) descrevem que o crescimento econômico acelerado da China e de Índia durante a década de 90 do século passado tem fomentado em toda a América Latina discussões da política de importações. O sucesso dessas duas economias asiáticas é acompanhado com admiração e expressivos interesses sobre os efeitos que a integração comercial crescente entre eles tem no setor industrial do continente latino. Já, Mclaughlin (2008) aponta que outro quadro está se configurando. A China, ainda é um dos maiores produtores têxteis e de confecções do vestuário, mas tem perdido, gradativamente, posições no *ranking* mundial de produtores e de exportadores. Um agravante é o fato de não apresentar produtos de qualidade superior. Mesmo assim, a autora ressalta que é preciso reconhecer que esta indústria impulsionou a economia chinesa. Segundo ela, o modo inicial simples de fabricar estruturou situações de inovação tecnológica na China, amadureceu sua economia e está fazendo o país passar por expressivo desenvolvimento econômico. Fatos que estão refletindo em aumento de salários, leis de trabalho reguladoras e severas, inflação doméstica ascendente, por exemplo. Com isso, o país tem perdido lentamente, sua vantagem competitiva por meio de custos inferiores. Isso tem aberto espaço para países como Vietnã, Índia e da Europa Oriental emergir como competidores fortes à produção chinesa.

Reflexo já sentido pelo país em 2007. As empresas norte americanas, importadoras de produtos têxteis, diversificaram suas estratégias de compra, fazendo com que as importações feitas do Vietnã aumentassem 31,3 por cento, sendo 1,5 bilhões de PME e 2,5 por cento da Índia, sendo 2,7 bilhões provenientes de PME. As importações da Indonésia ganharam 1,6 por cento advindas de 1,62 bilhões de PME e 4 por cento de Bangladeche, com 1,55 bilhões de PME. Mesmo assim, os Estados Unidos, ainda, foram responsáveis por 40,2% das exportações têxteis chinesas, em 2007 (MCLAUGHLIN, 2008). Neste contexto, percebe-se que mesmo quadro vem se configurando no Brasil, pois Ogeda(2012) indica que no primeiro bimestre de 2012, a importações têxteis (859 milhões de US\$) no país foram provenientes de: (1º) China; 652 milhões de US\$; 76%; (2º) Índia; 84 milhões de US\$; 10%; (3º) Indonésia; 59 milhões de US\$; 7%; (4º) Coreia do Sul; 33 milhões de US\$; 4%; (5º) Taiwan; 31 milhões de US\$; 4%.

Apesar disso, Ogeda (2012, p.12) alerta que “A compra de peças do vestuário e de

confeções no exterior aumenta 72% neste ano e reduz espaço de produtos nacionais.”. Segundo ela, nos últimos cinco anos a importação neste setor quase triplicou (mil toneladas: 40,1 t em 2007; 45,1 t em 2008; 49 t em 2009; 68,2 t em 2009; 96,4 t em 2009). E que o estado de Santa Catarina, como um dos maiores polos têxteis do país, é um dos estados brasileiros mais prejudicados com as importações neste setor; sendo que via o estado catarinense, 68 mil toneladas foram importadas no primeiro trimestre de 2012; São Paulo é o segundo colocado com 35,9 mil toneladas. As peças importadas já representaram quase 10% de tudo que foi consumido no país em 2011 e a projeção para 2012 é chegar a 12,5%.

2.1 A Indústria Têxtil do Vestuário

A cadeia produtiva têxtil (Figura 1) pode ser subdividida com base na Abravet (2010), entre os segmentos: (1) dos Fornecedores - que fornecem máquinas, equipamentos, insumos químicos, fibras e filamentos; (2) Produtores de Manufaturados têxteis (fios, tecidos e malhas) – esta categoria abarca as áreas de fiação, tecelagem, malharia e beneficiamento; e (3) Confeccionados têxteis (bens acabados) – formado pelas confeções de vestuário, meias e acessórios e pela linha lar e técnicos.

Porém, este trabalho se concentra no terceiro segmento, o de confeccionados têxteis (Figura 1). Este tem como característica estrutural básica, em nível mundial, a infinita heterogeneidade das unidades produtivas em termos de tamanho, escala de produção e padrão tecnológico. Fatores estes que influenciam, decisivamente, os níveis de preços, dualidade, produtividade e a inserção competitiva das empresas nos diversos mercados consumidores (ABRAVEST, 2012).

Já o ciclo de produção da indústria do vestuário é composto de diferentes etapas: (1) *design* – a estilista desenvolve os desenhos de tendência, ilustração e/ou técnico, manualmente ou em ferramentas de desenho computadorizado como o Corel Draw¹; ou Sistemas CAD/CAM; (2) modelagem – pode ser desenvolvida com o uso da *moulage* (direto no manequim de alfaiate; método característico da alta-costura²) ou da modelagem plana (desenvolvida no papel ou por computador, com Sistemas de CAD/CAM – Desenho Auxiliado por Computado e Manufatura Assistida por Computador); (3) gradação (ou gradeamento) - a modelista desenvolve os moldes dos demais tamanhos (P, M, G, GG, EG) a partir do molde base; (4) elaboração do encaixe, risco, corte do molde (manual ou computadorizado), (5) o corte da peça (ou talhação; manual ou automatizado); (6) costura, (7) acabamentos e lavagens (CANTO, 2001; TREPTOW, 2003; ABRAVEST, 2012).

1 Corel Draw - programa desenvolvido pela canadense Corel Corporation. O Corel Draw é um programa para edição de desenhos que trabalha com imagens vetoriais. Estas imagens são desenhos definidos matematicamente interligados por vários pontos unidos por linhas (MINK; MAZZETTI, 2000, p. 88).

2 Alta-costura, do francês *haute couture*, artesanato de luxo que produz modelos exclusivos sob encomenda (RECH, 2001, p. 20)

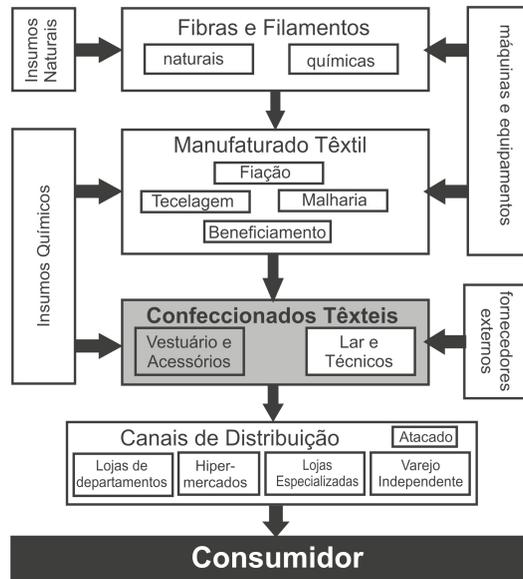


Figura 1 – Cadeia Produtiva Têxtil
 Fonte: adaptado de Abravest (2012).

A informatização dos processos da área do vestuário não é vista como uma questão de modernização (CADDESIGN, 2000; DIÁRIO CATARINENSE, 2003), mas como diferencial competitivo. Facilita o trabalho agilizando as atividades, gera redução de custos e obviamente melhora a produtividade. Os sistemas CAD/CAM para a área, são programas de computador (*softwares*) que atendem as necessidades de profissionais liberais (*freelancers*), confecções/têxteis de pequeno porte às grandes empresas.

Já, na linha de sistemas de Computador para Integração de Manufatura – CIM, Mak; Peng (2008) dedicam seu trabalho ao estudo de técnicas avançadas no processamento de imagens para resolver o problema da detecção automática de defeitos em tecidos. O desempenho do esquema proposto para a detecção do defeito é avaliado *off-line*, utilizando um conjunto de imagens de tecido captadas a partir de uma base de dados constituída por uma variedade de imagens de tecidos homogêneos.

É consenso segundo Jim Rictimond (apud LOFTON, 2008), que existem diversos *softwares* disponíveis, projetados para indústria ou empresas específicas, independentemente do tamanho comercial. Segundo ele, a utilização destes produtos e tecnologias pode fazer com que o negócio tome uma dimensão superior ao que seu número de colaboradores comporta. Corroborando, John Brandon (apud LOFTON, 2008) do Mississippi Desenvolvimento Autônomo – MDA, Divisão de Negócios e Indústria, acredita que com a tecnologia de hoje, as pequenas empresas têm inúmeras opções à sua disposição e podem estar preparadas de maneira eficaz, para enfrentar sua concorrência.

Já Junior do *College Small Business Development Center* (apud LOFTON, 2008),

em Ellisville, reconhece que a Internet facilita também, o desempenho de várias atividades das PMEs. Entre elas o ato de comunicar, compartilhar informações e até mesmo vender. Na sua visão, a tecnologia tem facilitado a competição para as pequenas empresas. num ambiente global.

Percebe-se, com base nas constatações destes autores que atualmente, a maioria dos processos do ciclo produtivo da indústria do vestuário pode ser amparada por tecnologias computacionais. Assim por meio da tecnologia, as pequenas empresas podem operar com a eficiência e o profissionalismo das grandes, e galgar os mesmos caminhos.

2.2 Redes de Empresas

Apesar da atualidade temática, os estudos precursores sobre redes interorganizacionais vêm da Europa, principalmente na Itália. A partir dos anos setenta, aglomerados de empresas menores começaram a ser estudadas. Tais centros, de um único produto, despertaram a atenção de pesquisadores pela alta eficiência decorrente de uma flexibilidade especializada.

Autores como Becattini (1979), Brusco (1982), e Utili *et al.* (1983) passaram a investigar a existência de aglomerados territoriais de um reduzido número de indústrias correlacionadas. Os quais eram formados por pequenas empresas especializadas, que por meio de sua interação atingiam elevados níveis de eficiência produtiva.

Os aglomerados que ali se desenvolveram são exemplos de reação e adaptação às tendências de globalização e à reestruturações geradas pelos novos paradigmas tecnológicos. Concentrados nas regiões norte e nordeste da Itália, principalmente na Emilia-Romagna, Veneto, Toscana e Piemonte. Essas cidades desenvolveram sistemas produtivos eficientes, principalmente embora não exclusivamente, à base das pequenas e médias empresas. Elas se localizam na Terceira Itália, ou Terza Italia, como é chamada a região pelos italianos (PYKE *et al.*, 1990; SERGENBERGER; PYKE, 1992; LOCKE, 1995).

Esse tipo de formação de empresas vem ganhando relevância não só para as economias de vários países industrializados, tais como Itália, Japão e Alemanha, mas também para os chamados países emergentes ou de economias em desenvolvimento, como é o caso do Brasil (AMATO NETO, 1999). Com base na bibliografia estudada, percebe-se a existência de diversos modelos com arranjos diferenciados de atividades econômicas por meio da coordenação e/ou cooperação interfirmas.

Esses novos modelos de relações interorganizacionais têm sido expressivamente explorados na literatura das organizações nos últimos 30 anos, inclusive em âmbito nacional. Porém, a diversidade de denominações evidencia que a literatura sobre o estabelecimento e funcionamento de redes não se dá de forma homogênea. Em vários casos, refere-se à aplicação de determinadas dinâmicas setoriais ou industriais específicas, analisando relacionamentos de natureza distinta como redes organizadas em torno de fluxos comerciais, fluxos de informação, de conhecimento ou de tecnologia, por exemplo.

2.3 Inovação

O tema inovação conota diversas visões e conceitos na área organizacional. Apesar de os autores a definirem sob pontos de vistas diferentes, parece consenso sua relação direta com o surgimento de novos produtos e processos. Para Schumpeter (1982), a inovação é um conjunto de funções evolutivas que alteram os métodos de produção, criando diversas formas de organização do trabalho e, ao se produzir mercadorias que não existiam, possibilita a abertura de outros mercados mediante a criação de diferentes usos e consumos. Seguindo esse raciocínio, as inovações caracterizam-se pela introdução de novas combinações produtivas ou mudanças nas funções de produção. Nessa mesma linha, Porter (1989) considera que o modo de operação das empresas exitosas é praticamente o mesmo, sendo que a vantagem competitiva é atingida com iniciativas inovadoras (ver Figura 2), tais como novos processos de produção, novos desenhos de produtos, novas abordagens de marketing ou novas técnicas de gestão de pessoas.

O surgimento da inovação decorre de um processo de interação entre diversos parceiros heterogêneos, como pesquisadores, técnicos, usuários, laboratórios, capitalistas etc, que formam uma rede com esse propósito. Aqueles autores acreditam que inovações de produtos, processos, organizacionais etc são o resultado da criação e da combinação de inúmeros conhecimentos, incorporados em pessoas ou presentes em livros, descobertas científicas, opiniões de usuários, etc. (HASEGAWA; FURTADO, 2001).

Talvez seja por isso que Mattos e Guimarães (2005) visualizem duas fases bem distintas para a inovação, uma voltada para a área de pesquisa - da ciência, laboratórios - e outra com face capitalista - comercialização, marketing. Estas fases são: (1) a invenção ou geração de ideias e a (2) conversão da ideia em negócio, ou seja, inovação = invenção + comercialização.

A análise dos trabalhos de diversos autores retrata que a inovação pode ser de Processo, Produto, Tecnologia ou de Pesquisa e Desenvolvimento - P&D. Esses tipos são dinâmicos, ou seja, uma inovação pode abarcar dois ou mais tipos de inovações, como se pode constatar na Figura 2.

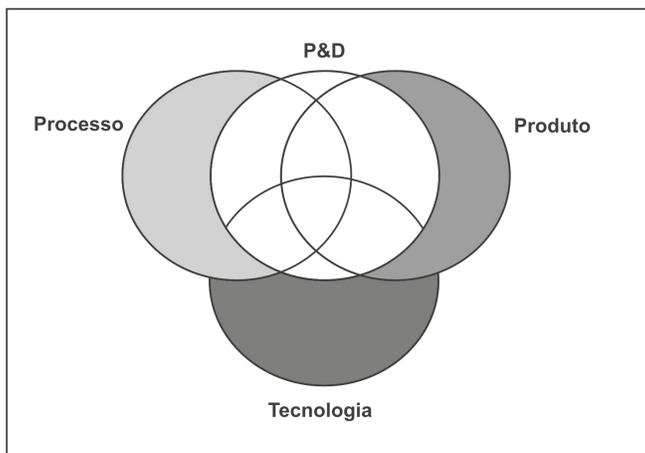


Figura 2 – Tipos de Inovação.

Fonte: Elaboração própria.

Ela (Figura 2) evidencia que uma inovação de P&D pode gerar um novo produto, que necessitará de uma nova tecnologia, que gerará um novo processo produtivo, por exemplo. Schumpeter (1982) usa a expressão destruição criadora para designar o processo em que competição (capitalista) acontece com a introdução de inovações tecnológicas baseadas em produto e ou processo.

Para Tornatsky; Fleischer (1990), inovação tecnológica envolve o desenvolvimento e a introdução de ferramentas derivadas do conhecimento por meio da interação das pessoas com o ambiente. Para esses autores, ela pode ser analisada como um processo constituído pelas fases de: (1) pesquisa, (2) desenvolvimento, (3) avaliação, (4) manufatura e (5) disseminação. Essas fases cobrem o ciclo que vai da pesquisa para desenvolvimento da tecnologia até a utilização da inovação pelo usuário de forma rotineira.

Mas na visão de Rogers (1995), a tecnologia é um projeto para ação instrumental que minimiza as incertezas nas relações causa-efeito das interações necessárias para se atingir o resultado esperado. Sua definição implica na existência de alguma necessidade que uma ferramenta venha a suprir. A ferramenta tem um aspecto material (o equipamento, produtos, etc.) e outro conceitual ligado ao *software*; consistindo na união de conhecimentos, habilidades, procedimentos, princípios, que são à base de informação para ela.

Mañas (2001) acredita que a colocação de novas tecnologias no trabalho e na sociedade é determinada pela lógica da concorrência, em que o importante é garantir e/ou aumentar a fatia de mercado. E Motta (2001) considera que as inovações tecnológicas mudaram a produção, melhorando a qualidade de produtos e serviços, aumentando a eficiência empresarial.

Já Barba-Sánchez; Martínez-Ruiz; Jiménez-Zarco (2007) e Liao (2007) apontam à adoção das Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC nos processo como factores-

chave da orientação das firmas para a inovação. Seguindo essa linha, Liao (2007) analisou os efeitos da estratégia da Gestão do Conhecimento e da estrutura organizacional sobre a inovação de produto. Com base em um levantamento em 195 empresas, acredita que quando a estratégia de personalização é adotada pela empresa, como o método Gestão do Conhecimento, a estrutura é enfatizada sobre a centralização ou modernização tecnológica que pode reforçar a inovação. Mas, quando a estratégia codificada é enfatizada, a modernização tecnológica é a única estrutura organizacional apropriada que a empresa pode usar para facilitar a inovação.

Neste contexto, as inovações podem, segundo Damanpour; Szabat; Evan (1989) impactar na área administrativa ou técnica da própria organização: (1) técnica – essas inovações restringem-se ao âmbito operacional e impactam apenas o sistema técnico de uma firma. O sistema técnico é formado pelos equipamentos e metodologias operacionais utilizados para transformar matéria-prima ou informações em produtos ou serviços; (2) administrativa: essas inovações são restritas ao âmbito administrativo e impactam apenas o sistema social da firma. Este sistema é composto pelos membros da firma e das relações entre eles.

Mas em relação à profundidade das inovações, Tushman; Nadler (1997) apresentam níveis de inovação semelhantes aos de Freeman (1994), as quais sintetizam-se em: (1) a incremental – adiciona novas características ao produto; (2) a sintética – usa criatividade de idéias ou tecnologias existentes para um novo produto e a (3) descontínua ou radical – usa novas idéias ou tecnologias para projetar um produto totalmente novo. Kruglianskas; Sbragia; Andreassi (1999) seguem também essa linha, dividindo o nível de profundidade das inovações nas categorias: (1) complexas - resultam de processos longos e exigem o emprego de altos volumes de recursos; (2) radicais - baseadas em descobertas tecnológicas e (3) incrementais - realizadas mediante pequenas mudanças no interior das empresas.

Independente do nível de profundidade da mudança, seja ela incremental ou radical, percebe-se que a tecnologia tem evoluído substancialmente, assim como os produtos. Isso representa um processo de reestruturação expressivo. Para Silva (2001), as mudanças ocorrem com o objetivo básico de manter ou aumentar a competitividade das empresas. O principal motivo para essas mudanças é a necessidade de sobrevivência; a curto, médio ou longo prazo.

Neste sentido, Cole; Matsumiya (2007, p. 89) defendem que a qualidade é vista como algo que completa a inovação, não algo para ser negociado no mercado consumidor. Assim, uma empresa pode obter vantagem competitiva se for capaz de ser pioneira no lançamento novos produtos no mercado, pois outros estarão também, trabalhando em projetos semelhantes. Além disso é preciso agir de forma a absorver, rapidamente, *feedbacks* dos primeiros utilizadores, explorar essas informações em causa própria fazendo os ajustes necessários e definindo padrões para a indústria.

Desta forma segundo os autores, no ciclo de introdução do produto o foco não é o

lucro, mas todos os ajustes necessários à sua funcionalidade e ao avanço na participação de mercado. E então gradativamente, na base de concorrência serão feitos os ajustes de preço e qualidade. Porém, eles advertem que os riscos de prejudicar a reputação da empresa são significativos devido ao encurtamento de tempo entre as fases de desenvolvimento do produto e seu lançamento.

3 | METODOLOGIA DA PESQUISA

Esse trabalho é um estudo quantitativo de natureza aplicada, com cunho descritivo. Mattar (1993) e Severino (2000) entendem que a pesquisa descritiva deve ser utilizada quando, entre outros, o propósito for descrever características de grupos; no caso as MPEs de confecções têxteis de vestuário aglomeradas territorialmente, na dimensão da inovação tecnológica.

Esta tipologia envolve também, o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados. Neste caso foi aplicado um questionário na forma de levantamento (*survey*). O controle das variáveis foi *ex-post-fact* devido à impossibilidade de se realizar levantamentos anteriores às implantações das inovações tecnológicas, conforme os critérios estabelecidos por Black (1999).

Este trabalho utilizou dados já existentes, os quais foram gerados em 2004 por meio de uma pesquisa de campo com confecções do vestuário aglomeradas territorialmente em Brusque/SC (Fonte omitida). As informações foram complementadas, retomando-se os formulários de entrevista, para a verificação das inovações descritas nas questões abertas destinadas a este tema, que não haviam sido tabuladas e estudadas anteriormente.

Na referida pesquisa, a técnica utilizada foi o levantamento (*survey*) por meio de aplicação de um questionário. Ele foi subdividido em três partes: (1) Identificação da Empresa; (2) Atributos e Contexto; e (3) Outros Dados. A primeira parte procurou traçar o perfil do entrevistado e da firma em termos de: empregos diretos, fases do ciclo do processo produtivo realizado interna e externamente, sistema de comercialização (atacado, varejo e via representantes) e origem da inovação de produtos. Já na segunda, por intermédio de uma escala contínua, o pesquisado preencheu, com base na sua percepção, questões sobre: transferência tecnológica e de conhecimentos, verticalização e terceirização de processos, acesso a recursos, relacionamentos com concorrentes e fornecedores, inovações, qualificação da mão-de-obra da região, aglomerações, instituições de ensino formal e entidades de classe, linhas de crédito local, marca e reputação regional, e adaptação. E por fim, a terceira parte abarca questões relativas à exportação, incremento do faturamento e da lucratividade dos últimos dez anos, inovações e produção (peças e quilos).

O universo em análise é formado por cento e quarenta das duzentas MPEs afiliadas à Ampe da cidade de Brusque-SC, correspondentes àquelas que fazem parte do setor

do vestuário. A amostra, daquele trabalho, foi composta por conveniência. Todas foram contatadas pelo pesquisador, porém três, das oitenta e oito empresas que aceitaram participar da pesquisa, eram fornecedoras. Desta forma, tem-se uma amostra por conveniência, com oitenta e cinco empresas de um universo de cento e quarenta MPEs. Segundo Barbetta (2003), essa amostra apresenta um percentual de confiabilidade de 93,2% com um erro amostral de 6,8%.

4 | ANÁLISE E RESULTADOS

Para a melhor compreensão dos resultados, foram desenvolvidas duas tabelas com resumos. A primeira particulariza as inovações implementadas, focando as tecnológicas (Tabela 1).

seq	Categoria	Qtd	% Geral	% Inova	% Tec.
1	apenas tecnológica	4	5	6	11
2	tecnológica e processo produtivo	0	0	0	0
3	tecnológica e gestão	7	8	11	18
4	tecnológica e produto	1	1	2	3
5	tecnológica, processo produtivo e gestão	15	18	24	39
6	tecnológica, processo produtivo e produto	2	2	3	5
7	tecnológica, gestão e produto	3	4	5	8
8	tecnológica, processo produtivo, gestão, e produto	6	7	10	16

Legenda:

seq = sequência linear de apresentação da categoria

% Geral = considera todas as empresas em estudo (85 empresas)

% Inova = considera somente as empresas que registram inovações nos questionários (63 empresas)

% Tec. = considera as que inovaram em tecnologias

Tabela 1 – Resumo detalhado das inovações implementadas segundo os tipos de inovações

Fonte: elaboração própria.

A segunda apresenta o quadro geral das empresas que implementaram apenas inovação do tipo tecnológica (Tabela 2). Estas são o fundamento das próximas análises.

Tipos de Inovações	Qtd Empresas	% Geral	% Inovadoras
não registraram inovações nos questionários	22	26	0
tecnológica	38	45	60

Legenda:
% Geral = considerar todas as empresas em estudo (85 empresas)
% Inovadoras = considerar somente as empresas que registram inovações nos questionários (63 empresas)

Tabela 2 – Resumo geral das empresas que implementaram inovações tecnológicas

Fonte: elaboração própria.

A análise dos dados da Tabela 2 evidencia que 45% das empresas em estudo realizaram inovações do tipo tecnológica. Todas são sociedades limitadas, 57% delas são MEs e possuem até 19 funcionários; outros 40% possuem de vinte a quarenta funcionários. Elas têm a idade média de quatorze anos, sendo que a mais nova possui apenas três anos e a mais antiga, trinta e um. O Sistema de Gestão de 75% delas é ainda, o familiar e apenas outras 14% tiveram sua gestão totalmente profissionalizada.

Neste contexto, a inovação tecnológica foi descrita como o único tipo de inovação praticado por apenas 11% das empresas em estudo. As demais empresas que inovaram em tecnologia, geralmente, a combinaram com outro(s) tipo(s) de inovação (ões), como demonstra a Tabela 1. Sob este aspecto, a análise dessa tabela confirma também, que 52% dessas empresas (Tabela 1 - sequências 5, 6 e 7) aplicaram três tipos de inovações conjugadas e outros 16% (sequência. 8) aplicaram quatro. Outros 18% delas (sequência 3) combinaram a inovação tecnológica apenas a inovação de gestão. E os 3% restantes (sequência 4), a associaram à inovação de produto.

Seguindo o sistema da associação de dois tipos de inovações, constata-se que a inovação tecnológica não foi aplicada em conjunto a de processo produtivo (Tabela 2 – sequência 2). Entretanto, quando a inovação do tipo tecnológica aliou-se a outros dois ou três tipos de inovações, a inovação em processos produtivos foi apontada por 60% delas (sequências 5, 6 e 8).

Já, conjugada a inovação de produto foi apontada por 32% (sequências 4, 6, 7 e 8) e a de gestão por 81% (sequências 3, 5, 7 e 8). Assim, mais de dois terços das empresas em estudo ao realizarem inovações tecnológicas, também o fizeram em seus processos de gestão.

Estas constatações remetem à destruição criadora de Schumpeter (1982), expressão utilizada pelo autor para designar o processo em que competição (capitalista) acontece com a introdução de inovações tecnológicas baseadas em produto e ou processo.

Em termos de realização dos processos produtivos, esse grupo de empresas possui uma média de 38% de realização interna. Essa média é afetada consideravelmente pelas atividades de fiação, tecelagem, tinturaria e estamparia que são quase que totalmente

terceirizadas (Tabela 3). Já as atividades de talhação (corte), modelagem e criação possuem valores médios de realizações internas expressivos, seguidas pela atividade de confecção.

Realização Média	Processos Produtivos									
	Criação	Fiação	Tecelagem	Tintura	Modelagem	Talhação	Confecção	Estamp	Méd.Int	Med.Ext
Interna	64	04	11	01	79	92	44	06	38	
Externa	36	96	89	99	21	08	56	94		62

Legenda:

Méd.Int = Média dos Processos Produtivos Realizados Internamente

Méd.Ext = Média dos Processos Produtivos Realizados Externamente

Tabela 3 – Percentual dos processos produtivos realizados internamente e externamente

Fonte: elaboração própria.

Essas informações (Tabela 3) vêm ao encontro das inovações tecnológicas apontadas pelas empresas em estudo. Este grupo de empresas listou como inovações tecnológicas a aquisição de: *plotters*, computadores, enfestadeiras, máquinas de corte, máquinas de passar, pregadoras de botões, pregadoras de ilhós, estampadoras, máquinas de bordar, teares e maquinário mais moderno para a costura (Tabela 4).

Modelagem e talhação são os processos produtivos mais realizados internamente pelas empresas que implementaram inovação tecnológica (Tabela 3). A operacionalização da atividade de modelagem requer equipamentos como computadores e *plotters* para serem usados com sistemas CAD/CAM. Já a atividade de talhação requer uma máquina enfestadeira para esticar os tecidos, uma máquina de corte manual ou automatizada e computador para gerenciar as máquinas que são controladas por sistemas CAM (ROGERS, 1995; CADDESIGN, 2000; DIÁRIO CATARINENSE, 2003). Evidências que também corroboram Rogers (1995), cuja definição de tecnologia implica em aspectos físicos (equipamentos - *hardware*) e lógicos (programas - *softwares*).

Categoria (cat)	Radical				Incremental				Ambas				Total	
	q	% rad	% cat	% geral	q	% incr	% cat	% geral	q	% mista	% cat	% geral	q	% geral
máq.costura	17	49	65	33	8	57	31	16	1	33,33	4	2	26	51
enfestadeira	0	0	0	0	1	7	100	2	0	0	0	0	1	2
máq.corte	5	14	100	10	0	0	0	0	0	0	0	0	5	10
máq.passar	1	3	33	2	2	14	67	4	0	0	0	0	3	6
plotter	1	3	25	2	1	14	25	4	2	66,66	50	4	4	8
esteira	1	3	100	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2
máq.estampar	1	3	100	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2
máq.bordar	1	3	100	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2

tear	2	6	100	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	4
máq. pregar botão	1	3	100	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2
máq. pregar ilhos	1	3	100	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2
computador	4	11	80	8	1	7	20	2	0	0	0	0	0	5	10
	35	100		69	14	100		27	2	100		4	51	100	
Totais	35	100		69	13	100		26	3	100		5	51	100	

Legenda:

q = quantidade de empresas que registraram essa inovação

% rad = em grau radical // **% incr** = em grau incremental // **% mista** = radical e incremental

% cat = por categoria (item, linha da tabela)

% geral = calculado sob o total de inovações implementadas para esse tipo de inovação (51)

Tabela 4 – Inovações tecnológicas implementadas e seus graus de profundidade.

Fonte: elaboração própria.

O confronto dos dados da Tabela 3 com os da Tabela 4 aponta que as inovações tecnológicas implementadas (Tabela 4) estão diretamente ligadas às atividades dos processos produtivos com os índices mais significativos de realização interna (Tabela 3). Essas informações também possibilitam a análise do impacto da inovação na organização, segundo o trabalho de Damanpour; Szabat; Evan (1989).

Com base nos trabalhos desses autores, infere-se que as inovações tecnológicas implementadas pelas empresas em análise (Tabela 4) afetaram basicamente os processos produtivos, conseqüentemente a área técnica dessas. Pois para eles, inovações podem afetar a área técnica ou a área administrativa das empresas.

A aquisição de máquinas de costura mais modernas e/ou eletrônicas, por exemplo, formam 51% das inovações tecnológicas citadas pelas empresas em estudo (Tabela 4). Sessenta e cinco por cento delas foram consideradas inovações radicais e apenas 31% incrementais. Acredita-se que esses investimentos ocorreram devido ao considerável percentual de implementação interna da atividade de costura (confecção) realizada por essas empresas, que se encontra em 44% (TABELA 3). Parece ser que elas necessitam continuar acompanhando as tendências tecnológicas dessa etapa da produção e manter o maquinário atualizado.

As inovações tecnológicas mais apontadas, depois da aquisição de máquinas de costura mais modernas, foram de máquinas de corte, computadores e *plotters*. Elas representam, respectivamente, 10%, outros 10% e 8% das inovações tecnológicas implementadas (Tabela 4). Essas inovações estão diretamente relacionadas à operacionalização das atividades de modelagem e talhação (corte automático) que pontuam com os mais elevados índices de realização interna (Tabela 3), como já ressaltado.

A aquisição de *Plotters* para a atividade de modelagem representa 8% do total das inovações tecnológicas realizadas por esse grupo de empresas, das quais 25% foram

consideradas inovações incrementais. Acredita-se que vários dos gestores podem ter considerado essa inovação em nível incremental pelo fato de não ser uma nova atividade que estava sendo implantada em suas empresas, pois alternou apenas do procedimento manual para o realizado com auxílio do computador para a plotagem dos moldes. Fato que pode ser respaldado com as informações da Tabela 1. Ela indica a existência de inovações tecnológicas associadas à inovação do tipo processo produtivo (sequências 5, 6, e 8).

Mas, a metade dessas inovações foi considerada tanto radical, quanto incremental (50% ambas). Verificou-se nos questionários que ocorreram várias aquisições do equipamento ao longo dos anos levantados. As quais dão suporte a lógica de que a primeira aquisição foi considerada uma inovação radical para esses estabelecimentos e as demais foram aquisições de *plotters* modernos e tecnologicamente atualizados (incrementais).

Já os computadores foram considerados por esses gestores como inovações radicais. O mesmo aconteceu com a aquisição de esteiras e de máquinas de: passar; estampar; bordar; pregar botões e ilhós; e teares. Acredita-se que estas inovações apontam atividades que provavelmente, não faziam parte do dia-a-dia das empresas em estudo. Com essas aquisições, as empresas agregaram tarefas que antes não tinham condições de executar por falta dos equipamentos. Assim, geraram novos processos de produção e puderam se tornar mais competitivas, como registrado nos estudos de Porter (1999).

Cabe ressaltar que parte significativa (69%) das inovações tecnológicas apontadas pelo grupo de empresas em estudo (Tabela 4) foi em nível radical. Neste sentido, pode-se afirmar que essas empresas introduziram novos métodos aos seus processos produtivos. Questões que remetem aos trabalhos de Schumpeter (1982) .

Os resultados encontrados fazem também, alusão ao Manual Oslo (1993 apud OECD, 2005), correspondem à implementação de processos tecnologicamente novos e/ou aperfeiçoamentos tecnológicos significativos nos processos dessas empresas; visto que acontecem em níveis radicais e incrementais como apontado nos estudos de Freeman (1994), Thusman; Nadler (1997), Krugliankas; Sbragia; Andreassi (1999).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se com este estudo aspectos que parecem relevantes relacionados às inovações tecnológicas implementadas por micro e pequenas confecções têxteis do vestuário aglomeradas territorialmente em Brusque/SC. Entre essas que a maioria das empresas em estudo, que aplicaram inovações tecnológicas, é ME, com sistema de gestão familiar. Com relação ao tempo de existência, são empreendimentos relativamente novos (média 14 anos).

Somente 11% das empresas em estudo realizaram apenas inovações tecnológicas. As demais empresas que inovaram em tecnologia, geralmente, a combinaram com outro(s) tipo(s) de inovação (ões). Este fato reforça a conclusão expressa por meio da Figura 1.

Ela demonstra que os tipos de inovações não são excludentes. Eles podem ser aplicados simultaneamente.

Seguindo o sistema da associação de vários tipos de inovações, infere-se que na lógica da associação de dois tipos de inovações, a inovação tecnológica não foi aplicada em conjunto apenas a de processo produtivo. Entretanto, quando a inovação do tipo tecnológica foi aliada a mais dois ou três tipos de inovações, a inovação em processos produtivos foi apontada por 60% delas. Estas inovações afetaram mais a área técnica das empresas em estudo do que a administrativa. Pois, os dados evidenciam também, que na visão desses gestores, as inovações tecnológicas são relativas a aquisição de equipamentos e máquinas. Além disso, as inovações tecnológicas descritas vêm ao encontro dos processos produtivos mais realizados internamente por essas empresas.

Infere-se também, que as empresas em estudo ao adotarem a terceirização substancial de certas fases do processo produtivo, afetam diretamente diversos participantes do aglomerado. Pois estes precisam obrigatoriamente, se especializar e desenvolver essas atividades que praticamente não são realizadas internamente por elas. Fato que induz a inferir que as empresas em estudo adotam a estratégia de manter-se no porte de micro e pequenos empreendimentos, quando considerados os números de funcionários, já que o aglomerado dá conta de todos os processos produtivos do setor.

Apesar de a amostra desta pesquisa ser significativa, dentre as confecções têxteis do vestuário afiliadas à Ampe-br, ela possui algumas limitações. A generalização desta deve ser vista com cautela devido a se restringir às confecções afiliadas a Ampe-br e sua realização ter se dado com base apenas na percepção de seus gestores. Trabalho similar poderá ser feito com as outras confecções MPEs de Brusque que não se relacionam com outras ou até mesmo com as empresas de médio e grande porte do município. Assim, poder-se-á estudar a relação dos resultados apurados com empresas de portes diferentes e o fato de pertencerem ou não a um aglomerado. Além disso, no Estado todo, uma vez que Santa Catarina é apontado pelo Guia da Indústria (2009), como o segundo maior polo têxtil de de confecção de malha do mundo.

REFERÊNCIAS

ABIT – Assoc. Brasileira da Ind. Têxtil. Disponível em: www.abit.org.br. Acesso em: jun/2012.

ABRAVEST – Associação Brasileira da Indústria do Vestuário. Disponível em www.abraviest.org.br. Acesso em: jun/2012.

AMATO NETO, J.. **Redes de cooperação produtiva**: antecedentes, panorama atual e contribuições para uma política industrial. Tese (Livre Docência) – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

BARBA-SÁNCHEZ, V.; MARTÍNEZ-RUIZ, M. del P.; JIMÉNEZ-ZARCO, A. I.. **Drivers, Benefits and Challenges of ICT Adoption by Small and Medium Sized Enterprises (SMEs): A Literature Review.** v.5, Issue 1, Problems and Perspectives in Management, 2007.

BARBETTA, P. A.. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais.** Florianópolis: UFSC, 2003.

BECATTINI, G. Dal Settore Industriale al Distretto Industriale. Alcune considerazioni Sull'unità di Indagine in Economia Industriale. **Revista di Economia e Política Industriale**, n.1, 1979. p. 1-8.

BERNARDO, M. S.; SILVA, A. C.da; SATO, S.. **Distritos Industriais – Clusters.** Texto para Discussão. TDC-3. São Paulo: FEA-USP-RP,1999.

BLACK, T.. **Doing Quantitative Research in Social Science.** London: Sage, 1999.

BRUSCO, S.. The Emilian Model: Productive Decentralization and Social Integration. **Cambridge Journal of Economics**, v. 6, 1982.

CADESIGN. v. 5. n. 55, São Paulo: Market Press ,2000.

CANTO, A. de L. S. O. **Impacto Tecnológico Na Moda: As Ferramentas do Corel Draw Aplicadas ao Desenho Técnico de Moda.** 2001. 36f. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu em Moda: Criação E Produção). Centro de Artes, UDESC: Florianópolis, 2001.

COLE, R. E.; MATSUMIYA, T.. **Too Much of a Good Thing? Quality as an Impediment to Innovation.** v.50, n.1. California Management Review, 2007, p. 77-93.

COUTINHO, L. G.; FERRAZ, J. C. **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira.** Campinas: Papyrus, 1994.

DAMANPOUR, F.; SZABAT, K. A.; EVAN, W. M.. **The Relationship Between Types of Innovation and Organizational Performance.** Journal of Management Studies. v.26, n.6, p.587-601, 1989.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis. MODA E ESTILISMO. Fascículo 7 – Sistemas de Produção, 2003.

FACHINI, G.; OLARREAGA, M.; SILVA, P.; WILLMANN, G.. **Substitutability and protectionism: Latin America's trade policy and imports from China and Índia.** Working Paper 4.188, World Bank Policy Research , Apr.2007.

FREEMAN, C.. The Economics of Technical Change. *Cambridge Journal of Economics*, 18, p.463-514, 1994.

GOLDBERG, V. P.. Relational Exchange: Economics and Complex Contracts. **American Behavioral Scientist**, 23 (3), p. 337-352, 1980.

GUIA DA INDÚSTRIA SC – Guia da Indústria de Santa Catarina. Florianópolis: Ciesc, 2009

HASEGAWA, M. H.; FURTADO, A. T.. Em Direção a um Modelo de Criação e Circulação do Conhecimento em Redes de Inovação. XXV ENAMPAD, **Anais...** Campinas, São Paulo, 16 a 19 /set. 2001.

- KRUGLIANSKAS, I.; SBRAGIA, R. e ANDREASSI, T. *Empresas Inovadoras no Brasil: uma Proposição de Tipologia e Características Associadas.*(BR.1017). 1999. Disponível em: www.usp.br/rausp. Acesso em: abr.2005.
- LIAO, Y.. **The Effects of Knowledge Management Strategy and Organization Structure on Innovation.** v.24, n.1, *International Journal of Management.* mar.2007, p. 53-60.
- LOCKE, R.M. **Remaking the Italian Economy.** Ithaca & London: Cornell University Press, 1995.
- LOFTON, L.. **Tech edge? Innovatien enhancing efficiency, eppertunities.**
- Small Business February. Mississippi: Mississippi Business Journal, 25-March 2, 2008. p.23.
- MAK, K.L.; PENG, P.. **Robotics & Computer-Integrated Manufacturing;** v. 24, n.3, *Pergamon Press* , 2008, p359-369.
- MAÑAS, A. V.. **Gestão da Tecnologia e da Inovação.** 9 ed. São Paulo: Erica, 2001.
- MATTAR, F. N.. **Pesquisa de marketing.** Volume 2: execução e análise. São Paulo: Atlas, 1993.
- MATTOS, J. R. L. de; GUIMARÃES, L. dos S.. **Gestão da Tecnologia e Inovação: uma Abordagem Prática.** São Paulo: Saraiva, 2005.
- MCLAUGHLIN, K. E.. **China Economy, Apparel Evolve.** In: _____. *WWD: Women's Wear Daily;* v. 195, n.41. *Business Source Premier*, 25.02.2008. p. 2-3
- MINK, C.; MAZZETTI, G.. **CorelDraw9 – Corel Photo Paint 9.** São Paulo: Makron Books, 2000.
- MOTTA, P. R.. *Transformação organizacional: a teoria e a prática de inovar.* Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 2001.
- ODEGA, A.. **Mercado ameaçado:** recorde de importações afeta têxteis. *Jornal Diário Catarinense,* Florianópolis, 02-04-2012. *Economia*, p. 12
- OECD – Organization for Economic Co-operation and Development. *Directrizes e Propuestas para Recabar e Interpretar Datos de la Innovación Tecnológica: el Manual Oslo.* 1996. Disponível em: www.oecdbookshop.org. Acesso em: 2004 e 2005.
- PORTER, M. E.. **Vantagem Competitiva.** Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- POWELL, W. W.. *Hybrid Organizational Arrangements: New Form or Transitional Development?* **California Management Review**, v. 30, p. 67-87, fall, 1987.
- PYKE, F.; *et al.* **Industrial Districts and Inter-Firm Cooperation in Italy.** Geneva; International Institute for Labour Studies, ILO, 1990.
- RECEITA FEDERAL. Disponível em: www.receita.fazenda.org.br . Acesso em: maio.2005.

- RECH, S. R.. **Qualidade na criação e desenvolvimento do produto de moda nas malharias retilíneas**. Florianópolis, 2001. 198f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) Florianópolis: UFSC, 2001.
- ROGERS, E. M.. **Everett M. Diffusion of Innovation**. New York: Ed. Free Press, 1995.
- ROMANO, L. N.; et al.. **A Importância do Processo de Planejamento na Gestão de Desenvolvimento de Produtos**. II ° Congresso Brasileiro de Desenvolvimento de Produto. São Carlos, UFSCar, p. 311-318, 2000.
- SCHUMPETER, J. A.. **Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma Investigação sobre Lucros, Capital, Crédito, Juro e o Ciclo Econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Os Economistas).
- SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Disponível em: www.sebrae.org.br. Acesso em: agosto.2010a.
- SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae. Santa Catarina em números: têxtil e confecções. Florianópolis: Sebrae, 2010b.
- SERGENBERGER, W. e PYKE, F. (Eds.). **Industrial Districts and Local Economic Regeneration**. International Labour Institute for Labour Studies, ILO, Geneva. 1992.
- SEVERINO, A.J.. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21.ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- SHERWOOD, A. L.; COVIN, J. G.. **Knowledge Acquisition in University–Industry Alliances: An Empirical Investigation from a Learning Theory Perspective**. Journal of Product Innovation Management; v.25, n.2, mar.2008, p162-179.
- SILVA, C.. **Método para a Avaliação de Desempenho do Processo de Desenvolvimento de Produtos**, Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Florianópolis: UFSC, 2001.
- TORNATSKY, L. G.; FLEISCHER, M.. **The Process of Technological Innovation**. Massachusset: Lexington Books, 1990.
- TREPTOW; D.. **Inventando Moda: Planejamento de Coleção**. Brusque: 2003.
- TUSHMAN, M.; NADLER, D.. **Organizando-se para a Inovação**. In: STARKEY, K. Como as Organizações Aprendem. São Paulo: Futura, 1997, p. 166-189.
- UTILI, G.; SARTI, M.; GOBBO, F.. **L'industria delle Piastrelli di Ceramica Nel Mondo. I Principali Paese Produttori**. Sassuolo: Nomisma Editora, 1983.

A

Artesanato 90, 106, 107, 108, 109, 112, 115, 116, 118

C

Certificação 80, 81, 84

Comunidade 5, 53, 79, 81, 82, 122, 130, 131, 151

Covid-19 53, 54, 56, 58, 59, 60, 62, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79

Crescimento económico 150, 151

D

Defesa ambiental 77

Desenvolvimento 3, 7, 34, 35, 37, 38, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 89, 91, 92, 93, 94, 96, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 116, 117, 118, 119, 125, 126, 132, 133, 134, 138, 139, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 161, 162, 163

Desenvolvimento local sustentável 149, 151, 152, 153, 154

Dimensão política 137, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Direito previdenciário 1, 2, 3, 9, 22

Direito público 2, 3, 49

E

Educação ambiental 76, 77, 78, 79

Educação básica 76

Empreendimentos incubados 80, 81, 82, 84

Empresas 7, 38, 42, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 108, 111, 113, 114, 116, 117, 118, 135, 136

Encarceramento em massa 53, 58, 71

Execução fiscal 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

I

Incubadoras 80, 81, 84

Industria 105

Inovação 80, 81, 84, 85, 86, 89, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 114, 115, 116, 120, 122, 125, 131, 135, 136

Inteligência coletiva 121

Interação dialógica 77

Interconectividade 121

M

Mídias sociais 23, 24, 26, 37

Morosidade 1, 21, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 49, 50

P

Pandemia 31, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79

Participação política 36, 160

Plano nacional 150, 155

Políticas públicas 28, 37, 38, 106, 108, 109, 111, 118, 119, 137, 144, 148

População carcerária 53, 58

Prática reflexiva 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Prestação de contas 23, 24, 25, 26, 27, 29, 35

Previdência social 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21

Prisões preventivas 54, 55, 56, 58, 59, 61, 62, 64, 65, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

R

Recorte teórico 137, 139

Rede Asta 106, 107, 108, 109, 112, 114, 116, 117

Redes 25, 39, 78, 85, 87, 92, 102, 103, 107, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 130, 132, 134, 135, 136

Revolução informacional 121

S

Seguridade social 1, 3, 4, 5, 6, 8, 22

Serviço Social 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 168

Sistema Judiciário 41, 42, 43, 50, 57

Sociedade em rede 122

Sucesso competitivo 86

Sustentabilidade 9, 37, 76, 77, 79, 80, 107, 108, 117, 131, 151, 154

T

Tecnologias de comunicação 24

Tribunal de Justiça 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 52, 54, 61, 65, 72

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS:

Estado, organizações e desenvolvimento regional 4


Ano 2023

 www.arenaeditora.com.br

 contato@arenaeditora.com.br

 [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)

 www.facebook.com/arenaeditora.com.br



CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS:

Estado, organizações e desenvolvimento regional 4


Ano 2023